

A EDUCAÇÃO EM KIERKEGAARD: UM PROJETO DE MELHORAMENTO DO HOMEM

Helysson Assunção França¹
Jacqueline Oliveira Leão²

Resumo: A educação, pensada a partir de Kierkegaard, refere-se ao tipo ético-existencial. Implica não apenas a transmissão de conhecimentos e acúmulo de informações, mas um processo que permite ao indivíduo um constante melhoramento, no sentido de transforma-se a si mesmo e assumir sua vida como tarefa. Para Kierkegaard, existir é um dom e ao indivíduo cabe a tarefa de fazer a si mesmo num processo que só é possível por meio de uma educação baseada na ética enquanto práxis e não enquanto discurso. Nesse sentido, este artigo propõe pensar uma educação transformadora, pautada numa ética capaz de humanizar o humano, possibilitando um melhoramento de si, ao mesmo tempo, promove uma abertura para o outro, e nessa via de mão-dupla, acaba por desembocar em processos de transformação social.

Palavras-chave: Educação, Educação ético-existencial, Kierkegaard.

Abstract: The education in thought from Kierkegaard, refers to an ethical-existential. Implies not only the transmission of knowledge and information accumulation, but a process that allows the individual a constant improvement, in order to transform the himself and taking his life as a task. For Kierkegaard this education is only possible through an ethics-based while praxis and not as speech. In this sense, this article proposes to think the transforming education, based on an ethic to humanize the human while at the same time what promotes an openness to the other, and ultimately resulting in processes of social transformation.

Keywords: Education; Ethical-existential education; Kierkegaard.

INTRODUÇÃO

Kierkegaard, na obra *Ponto de Vista Explicativo de Minha Obra de Escritor*, chama atenção do leitor, protestando contra um sistema filosófico que ao seu ver era um sistema totalitário e mantinha o indivíduo na ilusão:

Esta tarefa comporta uma dose de espírito crítico que reduziria a maioria ao desespero; porque se trata de extirpar inclusivamente a menor ilusão para dar a pura noção de ideia; e, com efeito, não é a verdade que governa o mundo, mas as ilusões.³

¹ Mestrando em Filosofia. Universidade Federal do Piauí. E-mail: helysson_franca@yahoo.com.br

² Dr^a em Literatura comparada – Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: jacleao@gmail.com

³ KIERKEGAARD, Søren Aabye. *Ponto de vista explicativo de minha obra de escritor*. Lisboa/Portugal: Edições 70, LDA. 2002, p. 59.

Kierkegaard postula sobre a importância do desenvolvimento de uma consciência, de uma relação existencial do homem com o mundo e a alteridade. Nessa perspectiva, vislumbra-se a necessidade de uma educação ético-existencial. O autor torna atento o leitor, para a tomada de consciência, no sentido de retirar o véu da ignorância, produzida pelos sistemas filosóficos totalitários e, aqui, faz-se uma interpretação extensiva, aduzindo-se que a mesma crítica é cabível aos sistemas educacionais e as suas políticas totalizantes. A educação, que se entende transformadora, na esteira de Kierkegaard, é uma educação ética, pautada na alteridade com o outro. Nesse passo, o processo de conscientização citado, ocorrerá na relação ética, que sendo uma relação de um a um, tem a força de alcançar uma relação ético-política, a qual será capaz de se espalhar por um município, um estado, uma nação.

Kierkegaard, nos moldes de Sócrates, nos mostra a possibilidade de encontrar aquilo que ainda não nos é conhecido, mas possível de conhecer por meio do processo educacional pautado na ética da alteridade. O homem constitui-se de relações, e sendo a relação do âmbito da existência externa e a ética do âmbito da existência interna, somente uma educação ético-existencial poderá produzir melhores resultados na realidade humana. O desafio filosófico de pensar tal modelo de educação, erige-se, em possibilidade de religar as pessoas no contexto social. Pensar a possibilidade de transformação educacional implica ter em mente que o humano está em constante processo de transformação. Nesse sentido, urge entender o ser humano e o processo educacional como um processo em constante mudança. A realidade atual de tal processo é algo que produz grandes debates, recheados de revoltas em que o problema apontado deságua na falta de dignidade da pessoa humana, princípio este, que a constituição brasileira de 1988⁴ estatui, porém o mesmo carece de efetividade.

O processo educacional apontado deve desenvolver-se como um processo de conscientização, libertação, como abertura ao outro. Aponta-se para uma educação, capaz

⁴BRASIL. *Artigo 1º, Inciso III*. In: Constituição Federal de 1988.

de ouvir o educando, onde o mestre deve ser a ocasião para o educando encontrar a sua verdade e nunca a verdade plena e totalizante. De maneira que a educação seria um ato de desalienação e também superação do modelo atual, onde de um lado está o opressor (o detentor da verdade) e de outro o oprimido (a quem é dirigida a verdade)? O presente estudo tem por objetivo, investigar, refletir e discorrer sobre ética e educação no Brasil como proposta de melhoramento do homem. Uma educação ético-existencial pautada no entendimento de ética da alteridade com base nos escritos de Kierkegaard. Para tanto, far-se-á, uma revisão bibliográfica, buscando recolher traços importantes para este estudo espalhado em diferentes obras do autor.

A EDUCAÇÃO COMO TAREFA E DESAFIO

O Homem não nasce pronto, sua vida e formação é um constante tornar-se, e o processo educacional implica um melhoramento de si mesmo, pois o mesmo não é um ser determinado, e sim livre. Esse processo de formação pressupõe o exercício da liberdade e tal liberdade produz resultados quando caminha junto com responsabilidade. Esse fazer-se ocorre na relação com o outro, no âmbito da família, da escola, do trabalho. Por isso, é importante pensar um modelo educacional que produza edificação de si mesmo, permitindo a construção de um caráter bom do humano.

Kierkegaard nos faz inferir, como se dá esse processo de edificação, que para ele, ocorre por meio da interiorização e subjetivação, e abertura para o diálogo, na relação com o outro. Se tal processo se dá de forma interior e subjetiva, qual é a função da educação nesse processo? Um dos papéis da educação dentre vários, é exercitar a participação do indivíduo na multiplicidade da diferença, da aceitação do outro enquanto outro, por meio da abertura a esse outro, no diálogo. E ao mesmo tempo, possibilitar a transformação do si mesmo como um ser singular, moldando-se a si eticamente e esteticamente como uma obra de arte. A escola precisa educar e não apenas ensinar, e educar significa estimular ao exercício, a criatividade, a busca de si, do melhoramento de si, num constante devir, numa constante afirmação da vida.

Kierkegaard compreende esse tornar-se, como autenticidade, como prática que implica não apenas reflexão, mas ação. Nesse passo, o papel da educação deve ser, libertar o ser humano e não oprimi-lo. Esse libertar implica construir no interior da reflexão uma consciência crítica e participativa, onde a educação seja um direito de todos e não apenas de uma minoria como ocorre no Brasil, onde a maioria segue apática e acomodada sem condições mínimas de despertar essa consciência reflexiva. Despertar uma consciência crítico reflexiva significa construir a si mesmo enquanto eu, relacionando-se com o si e com o outro. Segundo Kierkegaard, esse “*Eu precisa tornar-se um Tu*”⁵. Por isso Kierkegaard compreende o homem, como um ser que precisa tornar-se e isso ocorre na relação, como se observa no livro *Desespero Humano*:

O homem é espírito. Mas o que é espírito? É o eu. Mas, nesse caso, o eu? O eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa alheio a si, mas consigo própria. Mais e melhor do que na relação propriamente dita, ele consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. O eu não é a relação em si, mas sim o seu voltar-se sobre si própria, o conhecimento que ela tem de si própria depois de estabelecida. O homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e necessidade, é, em suma, uma síntese. Uma síntese é uma relação de dois termos. Sob este ponto de vista, o eu não existe ainda. Numa relação de dois termos, a própria relação entra como um terceiro, como unidade negativa, e cada um daqueles termos se relaciona com a relação, tendo cada um existência separada no seu relacionar-se com a relação; assim acontece com respeito à alma, sendo a ligação da alma e do corpo uma simples relação. Se, pelo contrário, a relação se conhece a si própria, esta última relação que se estabelece é um terceiro termo positivo, e temos então o eu.⁶

A relação que se volta a si mesma, é relação que se reduplica e possibilita uma abertura para relação com o outro; é o dialogo consigo e com o próximo, porque o outro dá sentido ao eu, uma vez que o eu não existe sem o tu. Kierkegaard em outro livro, chamado *O Conceito de Angústia*, nos explica melhor a relação do eu com o tu, ao dizer: “*O homem é um indivíduo e, como tal, é ao mesmo tempo ele próprio e todo o gênero humano, de*

⁵KIERKEGAARD, S. *As obras do Amor*: algumas considerações cristãs em forma de discursos. Trad. de Álvaro L. M. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

⁶Kierkegaard. *O Desespero Humano*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 318.

sorte que o gênero participa todo inteiro do indivíduo, assim como o indivíduo participa de todo o gênero humano. ”⁷ Kierkegaard exalta a importância do indivíduo assumir-se em primeira pessoa, para tornar-se, melhorar-se, e essa tarefa cabe a cada um de forma singular. Nesse sentido, o indivíduo tem a possibilidade de concretização de uma relação ético-existencial por meio do exercício em que assume a responsabilidade de transformar-se em um indivíduo melhor, capaz de se relacionar de forma digna com o outro. Esse voltar-se para si, não significa fechamento em si, mas um constante melhorar-se, conhecer-se, para assim, ser capaz de melhor relacionar-se com o outro; porém, consciente de sua responsabilidade individual, (independente do lugar social que ocupa, crença, gênero), precisa melhorar-se e possibilitar condições para o outro possa edificar-se, pois querer impor aos outros sua própria medida seria dominação e não libertação.

Nesse sentido, a educação baseada nesse melhoramento de si e abertura para o outro, não se limita apenas na recepção de conhecimentos objetivos e sim na possibilidade de pensar e problematizar aquilo que se recebe, para, na depuração do todo recebido, ser capaz de construir-se enquanto indivíduo singular, capaz de buscar através do domínio de si e na relação com o outro o sentido do humano.

A educação como melhoramento do homem na esteira de Kierkegaard é uma educação que tem como finalidade despertar a consciência individual e singular, tornando-o capaz de arregar para si a responsabilidade ética baseada na escolha, no interior da decisão, pois a mesma possui um caráter personalíssimo, na medida em que um indivíduo não pode fazer pelo outro aquilo que cabe somente a si. Desse modo, todos os humanos são convocados a buscar uma educação com vista a um constante melhoramento de si próprio:

A existência é a concretização de um contínuo devir, que se traduz em ações de uma liberdade histórica em meio a uma comunidade; a educação desempenha um papel relevante na construção da personalidade, no cultivo do homem interior, na prática e na vivência das virtudes ou do caráter. ⁸

⁷Kierkegaard. *O Conceito de Angústia*, 2010, p. 30.

⁸ Almeida, Jorge Miranda de. *A educação em Kierkegaard e Paulo Freire: por uma educação ético-existencial*/2013, p.40.

Kierkegaard enfatiza a importância desse contínuo devir, ao insistir nos seus escritos, que o indivíduo singular precisa voltar-se para si, e assumir-se como indivíduo singular, sobre a importância de o mesmo transformar-se no interior da existência, pautada na seriedade e na interioridade. Nesse sentido, *“temos de nos tornar sóbrios, conquistar a realidade efetiva e a verdade encontrando e permanecendo no mundo da realidade, como sendo a tarefa assinalada a cada um de nós”*⁹ A tarefa cabe a cada indivíduo singular, visto que o homem é livre para escolher entre fazer e não fazer, e em não fazendo nada por si no sentido de melhora-se, a tarefa não pode ser delegada a outrem. Sendo assim, Kierkegaard nos diz:

Ter caráter individual, é crer no caráter individual de cada um dos outros; pois o caráter individual não é coisa minha, é dom pelo qual Deus me dá o ser, e ele o dá aliás a todos, e a todos Ele dá o ser. Tal é a insondável fonte de bondade que jorra da bondade de Deus, que Ele, *o todo poderoso*, dá de tal maneira que o que recebe, recebe em seu caráter particular, que Ele que cria do nada, cria dando uma característica particular, de modo que a criatura mesmo sendo tirada do nada e não sendo nada, não paira diante Dele como nada, mas adquire seu caráter próprio.¹⁰

Assumir-se enquanto tarefa de torna-se não é algo fácil, visto que a educação é um processo que possibilita a realização dessa tarefa de tornar-se. Diante disso, fala-se de uma educação pautada na ética visando romper com as ideologias dominantes e hipocrisias do contexto educacional brasileiro; uma educação que busque a prática da dignidade humana, tendo como pressuposto a libertação do humano. Para tanto é preciso coragem e iniciativa. Tornar-se é uma possibilidade, uma vez que o indivíduo pode escolher não tornar-se, pode escolher ficar imerso na multidão. Para Kierkegaard:

A possibilidade é, como já foi dito, algo duplo, e justamente por isso ela é a educação verdadeira; a possibilidade é tão rigorosa, ou pelo menos pode ser tão rigorosa como pode ser benigna. A esperança não reside sem mais nem menos na possibilidade, pois na possibilidade pode também encontrar-se o temor. Mas há quem escolhe a esperança, a possibilidade, com a ajuda da esperança, ensina a esperar. No entanto, a possibilidade do temor, o rigor

⁹ KIERKEGAARD, S. *As obras do Amor*: algumas considerações cristãs em forma de discursos. Trad. de Álvaro L. M. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.p.190

¹⁰ IBID, 2005, p. 306.

permanece ocultamente presente como uma possibilidade, caso necessário fosse necessária para a educação, para o despertar; no entanto, ela permanece oculta, enquanto o eterno atrai com o auxílio da esperança.¹¹

O homem é convocado a torna-se, por meio da possibilidade que ele tem, decorrente da liberdade, devendo arriscar-se a sair da multidão para constituir-se como indivíduo singular: no recolhimento de si, na busca do melhoramento de si, e no tornar-se responsável por si, para então ter condições de ser responsável pelo outro. Nesse sentido, ressalta-se a necessidade de se pensar e executar um modelo educacional libertador, capaz de construir um humano responsável consigo próprio e com o outro, bem como com a dignidade da pessoa humana. A proposta educacional, a partir das ideias então tratadas, deve contemplar a busca da efetivação de direitos de dignidade e cidadania onde a ética esteja sempre como guia desse processo, dando a direção na tomada de decisões de como fazer, de como agir para transformar as estruturas educacionais naquilo que exclui o indivíduo e massifica o mesmo.

Partindo desse pressuposto, o educador, enquanto figura que está à frente, conduzindo o processo de educação formal por meio da escola, como formador de opinião, tem um papel importante nesse processo. Afirma-se, que o testemunho do mesmo faz toda diferença, na medida em que deve haver um liame lógico e coerência entre o dito e o praticado. Este não pode ensinar sobre “*a virtude ética*” e ao mesmo tempo ser “*desvirtuoso*”; não pode ensinar sobre ética e ao mesmo tempo excluir o seu aluno, humilhá-lo, maltratá-lo, desprezá-lo, coisificá-lo perante os outros.

Kierkegaard daria ao liame entre o dito e o praticado o nome de “*reduplicação*”. Quando o ato prático corresponde a teoria ensinada, ocorre a reduplicação entre o valor e a ação. Tal testemunho pode ser chamado de responsabilidade, que me impele a agir eticamente, no sentido de melhorar-me e ao mesmo tempo me convida a agir eticamente com o outro. Não se trata de um isolamento em si, mas é uma responsabilidade consigo e para com o outro. É sabido, no contexto brasileiro, que a educação é desvalorizada e os

¹¹KIERKEGAARD, S. *As obras do Amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos*. Trad. de Álvaro L. M. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p.285.

educadores estão sempre a lutar por direitos, melhores salários, melhores condições de trabalho e valorização social da profissão. Sendo aos mesmos garantido, por lei, o direito a reivindicar tais condições. No entanto, os educadores não podem utilizar as más condições de trabalho como legitimadoras da sua falta de compromisso e responsabilidade com o dever de educador.

Nesse sentido, o educador sério, aquele que tem consciência do seu papel ético, deve assumir sua responsabilidade como tarefa e desafio. Para ele não cabe reproduzir como justificativa do não comprometimento as ruins condições de trabalho. Educar é mais do que transmitir conhecimentos com finalidade de preparar técnica e instrumentalmente, educar é também humanizar, possibilitar a tomada de consciência, dar testemunho ético, se colocar no lugar do educando. No livro *as Migalhas Filosóficas*, Kierkegaard nos dá o sentido do que pode ser, se colocar no lugar do educando: [...] “O discípulo é a ocasião para que o mestre se compreenda a si mesmo, o mestre a ocasião para que o discípulo compreenda a si mesmo” [...].¹² A relação entre mestre e discípulo, segundo a citada obra, constitui-se em uma relação dialética, pautada na ética – existencial. Nas *Obras do Amor*, Kierkegaard discorre sobre essa questão, vejamos:

[...] ser mestre não é cortar o direito a força de afirmações, nem dar lições para apreender. Ser mestre é verdadeiramente ser discípulo. O ensino começa quando tu, o mestre, aprendes com o teu discípulo, quando te colocas naquilo que ele compreendeu, na maneira como o compreendeu, ou, se ignoravas tudo isso, quando simula prestares-te exame, deixando o teu interlocutor convencer-se de que sabes a lição: tal é a introdução, e pode então abordar-se um outro assunto¹³.

Assim, educar é possibilitar ao aluno a oportunidade dele mesmo produzir o conhecimento, enquanto reduplicação, que significa não apenas decorar informações, e sim receber, produzir o conhecimento e transformar-se. A educação ético-existencial

¹² *Migalhas Filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus*. Trad. Ernani Reichmann e Álvaro Valls. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.p.45

¹³ KIERKEGAARD, S. *As obras do Amor*: algumas considerações cristãs em forma de discursos. Trad. de Álvaro L. M. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 42.

pautada em Kierkegaard, consiste em uma educação radical, no sentido de que o educador e o educando têm que assumi-la enquanto tarefa e desafio, implicando a tarefa de tornar coerente o dito e o praticado, o filosofar e o próprio existir. É um desafio porque além do compromisso consigo mesmo e com o outro, deve o educador e o educando ter coragem, pois terá que lutar contra a lógica da massificação, baseada apenas na educação técnica e instrumental, não estando comprometida com a dignidade do humano.

KIERKEGAARD E A EDUCAÇÃO

Kierkegaard, no contexto em que escreveu suas obras, no sec. XIX, denunciou o contexto social em que viveu, como uma sociedade marcada pela tagarelice, falatório, conversa de letras mortas, medíocre, na medida em que a mesma, para ele, tinha se esquecido de como tornar-se um si mesmo, pois esta vivia imersa na mentira, na ilusão, na universalização. E para Kierkegaard o homem que não ousa ser um si próprio é um covarde, pois a multidão é a mentira, a ilusão. Pois, *“Todo o homem que se refugia na multidão e foge assim covardemente à condição do Indivíduo”*¹⁴ Assumir a responsabilidade de tornar-se um si mesmo, é o primeiro passo, o segundo é possibilitar ao outro o mesmo. Onde o outro seja ao mesmo tempo, o tu mais próximo, a comunidade estudantil, os alunos, os amigos do bairro, as pessoas da comunidade etc.

Pode-se dizer que as denúncias feitas por Kierkegaard à sociedade de sua época, se aplicam também ao cenário brasileiro, no que se refere à sociedade, à política, e ao contexto educacional. Sociedade esta que fora chamada de forma acertada de “sociedade do espetáculo” porque, camuflada pelo véu do discurso ético, probo e honesto. Uma vez retirado esse véu, enxerga-se claramente a corrupção “cancerígena”, nos diversos seguimentos, tanto nos atos produzidos pelos administradores da máquina estatal em seus vários desdobramentos, como por aqueles que de alguma forma estão à frente das massas, numa atitude de liderança (como por exemplo, líderes religiosos das mais diversas crenças,

¹⁴Ponto de Vista Explicativo de minha obra de escritor. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1986, pág. 113.

bem como os próprios educadores). O resultado desse contexto é o niilismo político, jurídico, educacional, o qual só pode ser superado por meio da educação.

A educação pautada em Kierkegaard envolve um processo dialético. O autor, em sua vasta obra, utiliza-se de personagens, e coloca na boca de cada um deles um pensamento próprio e distinto dos outros. Visa com isso, fazer com que o seu leitor se veja como num espelho, e assim possibilita ao leitor-ouvinte um despertar de consciência. Tal método constitui-se em método pedagógico, pois provoca e convida o leitor a fazer uma escolha. Nesse contexto a educação em Kierkegaard não é pautada apenas na transmissão e repetição do modelo educacional atual, mas busca o rompimento com esse modelo, não sendo doutrinação. É um modelo ético-existencial, que permite ao leitor querer ou mesmo não querer escolher. Escolher aprender, modificar-se, transformar-se, edificar-se, melhorar-se enquanto si mesmo e enquanto abertura dialógica para com o outro.

Compreender a educação em Kierkegaard, envolve também compreender o contexto ético-político. A ética, uma vez que ela é de suma importância na formação e construção do caráter de cada indivíduo; envolve compreender-se a si mesmo; e a política enquanto contexto social de convivência harmoniosa com o outro. Verifica-se em nosso contexto educacional brasileiro, a predominância do sistema econômico em detrimento do sistema educacional. Uma educação que não possibilita transformação existencial, mas apenas instrumentaliza. Verifica-se com isso, o aumento das desigualdades sociais e dos excluídos, pois o modelo educacional no afã de uma produção quantitativa, em nome da competição e do mercado de trabalho, deixa de lado a possibilidade de pensar as questões ético-existenciais. Diante disso, o homem enquanto ser singular, existencial, fica posto de lado e a ética torna-se produto apenas do pensamento, mas não chega a produzir mudanças.

Afirma-se, que uma educação ético-existencial, pensada por meio da obra do Filósofo Kierkegaard, é uma educação possível, e tal educação poderia produzir mudanças qualitativas, visto que o modelo educacional atual precisa de mudanças nesse sentido, vez que o mesmo aumenta a distância entre os poucos beneficiados pela lógica do capital e os muitos excluídos. Em uma sociedade marcada pelo conflito, desigualdades, e diferença, a educação ético-existencial se apresenta como proposta de melhoramento do homem e

melhoramento do atual contexto social dilacerado. Esse era também o entendimento de Kierkegaard no contexto social em que viveu, ele acreditava que a educação era a maior exigência de sua época.

Para ele, somente a educação pode ser agente de transformação, pois sem a mesma, não se torna possível experimentar uma existência singular, e pode-se ficar perdido na ilusão, na massa. É através da educação que o indivíduo se constrói e toma consciência do seu eu, enquanto ser singular e interior. Pois sem o voltar-se para si, sem essa consciência e despertar para um mundo interiorizado, o indivíduo não é capaz de transformar-se num si mesmo. Não é, pois, a ideologia do mercado, do partido político, dos governantes que deve dominar e transformar o indivíduo, mas sim, ele mesmo enquanto ser livre e interiorizado, na busca pela edificação de si mesmo e melhoramento de si mesmo. Para tal, a educação tem que estar ao serviço do indivíduo nesse processo de melhoramento e não ao serviço de interesses escusos anteriormente referidos. Nesse sentido precisa-se, de uma proposta pedagógica que possibilite a construção do si mesmo, vez que essa é uma saída para superação do sistema, que como verificamos, reproduz apenas as desigualdades, as injustiças, a miséria, a exclusão social. Na ampla produção de Kierkegaard, observa-se, a afirmação de que existir é algo a ser realizado como tarefa. Cabe a cada um buscar melhorar-se, transformar-se. Mas como isso é possível na *práxis*? Por meio da educação. Pois o verdadeiro saber possibilita essa mudança, essa transformação interna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em uma educação tomando por direção os escritos de Kierkegaard, é tarefa que implica pensar o homem como um ser em constante devir, em constante processo de transformação e que precisa diante dessa inconclusividade de um direcionamento, ser direcionada por meio de uma educação ético-existencial que se pretende transformadora. Essa educação possibilita ao indivíduo tornar-se um si mesmo e com isso permite a ele relacionar-se com o outro de forma ética, com respeito à diferença, diante das inúmeras contradições que constituem a existência humana. A ética aqui exposta trata-se de uma

ética que não se subsumi apenas ao discurso ético, mas uma ética que verdadeiramente contempla o outro, baseada no diálogo, na práxis e mostra a necessidade de pensar um modelo pedagógico que possa concretizar o processo de educação ético e não apenas falar sobre a ética na educação. Trata-se de um modelo de educação de transformação radical, que implica coragem do educador enquanto agente do processo bem como de todos aqueles que estão envolvidos direta e indiretamente no sentido de romper com o atual modelo que se preocupa apenas com a lógica da massificação e com isso coisifica o processo educacional, transformando-o em uma mercadoria.

O presente artigo buscou oferecer ao leitor, uma reflexão sobre a educação no contexto brasileiro e sobre a ética ligada ao processo educacional, com base em Kierkegaard que é um filósofo que em suas inúmeras obras escreveu sobre categorias como subjetividade, existência, diálogo, responsabilidade, reduplicação, singularidade. Categorias que se bem entendidas, chamam a atenção dos indivíduos para a necessidade e possibilidade de conhecer-se e melhorar-se ao mesmo tempo em que promove uma abertura para com o outro. Buscou-se nesse trabalho fornecer uma interpretação dessas categorias no contexto de uma existência educacional e ética. Uma existência que não se limita a discursos meramente teóricos e sem aplicação no plano prático, mas que, ao contrário, possa tornar a prática da ética, em seus diversos contextos, não apenas algo desejável, mas possível.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. M. **A educação em Kierkegaard e Paulo Freire: por uma educação ético-existencial.** Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2013.

BRASIL. *Artigo 1º, Inciso III.* In: Constituição Federal de 1988.

KIERKEGAARD, S. **As obras do Amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos.** Trad. de Álvaro L. M. Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. **Migalhas Filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus.** Trad. Ernani Reichmann e Álvaro Valls. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.



_____. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológica demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário.** Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **O Desespero Humano.** São Paulo: Editora UNESP, 2010.

_____. **Ponto de Vista Explicativo de minha obra de escritor.** Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1986.